ANO 20.º SEGUNDA-FEIRA, 25 DE NOVEMBRO DE 1940 N.º 6471

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

O escritor e jornalista belga, sr. Pierre Gormaere, vai fazer, depois de amanhã, pelas 18 horas e meia, no Teatro Nacional, uma conferencia com o seguinte tema:

—L'Exposition de Lisbonne, âme vivante du Portugal.

Ha muita curiosidade para ouvir e aplaudir o seu trabalho, certamente interessante, visto que sabe ver, observar, sentir e apreciar com originalidade e sinceridade.

■

Na comovente cerimonia da entrega ao Estado do Palacio da Independencia, o sr. dr. Antonio Luiz Gomes, ilustre secretario geral do Ministerio das Finanças, depois de saudar na pessoa do sr. Albino de Sousa Cruz os nossos compatriotas do Brasil, disse o seguinte, que especialmente nos impressionou:

—Portugueses do Brasil, pela vossa generosidade, pelo vosso patriotismo, a Nação portuguesa tem desde hoje, pelas suas prestantes actividades economicas e culturais, e ilustres dirigentes, mais um monumento perduravel da mesma nobreza historica do Castelo de Guimarães, do mosteiro da Batalha e da terra do Infante, em Sagres, passos da nossa ascensão e da nossa gloria.

O sr. dr. Antonio Luiz Gomes, que tão patriotica e zelosamente cuida da restauração, conversação e engrandecimento do patrimonio nacional, pronunciou estas palavras com visivel comoção, marcando nitidamente como a obra a que preside Salazar se funda nas proprias aspirações de Portugal—daquém e dalém mar.

■

Segundo o marechal Pétain, ha duas maneiras de fazer a paz:—a 1.ª é a paz «á antiga», quando o vencedor impõe condições brutais ao vencido que ele não pode recusar nem cumprir a rigor;—a 2.ª é á paz nova e generosa em que não ha humilhação nem rancor contra ninguem, sendo o vencido tratado com o devido respeito.

Embora se não saiba que surpresas nos esconde o futuro, cremos que o odio de raças ou de povos não terá representação na Conferencia que um dia ha de regular, remodelando-a, a carta da Europa.

De que serve subjugar e esmagar, se não ha maneira de impedir as reacções dos oprimidos?...

■

Teixeira de Pascoais publicou um novo livro que se intitula «Napoleão». E' um livro notavel em que o poeta sauda a França, numa homenagem a que não falta nem gentileza nem beleza.

O heroi de cem batalhas continua vivo e presente—na historia e na lenda, na vida e na morte.

Quanto mais se estuda a sua carreira, mais se admira o seu genio e o brilhante improviso que ele representa, dentro da Revolução. Teixeira de Pascoais que tem o culto dos grandes homens—São Paulo, São Jeronimo e Napoleão—reserva-lhes na sua obra um miraculoso regresso á vida.

■

Agora que Paris se encontra fora do seu fulgurante papel, mergulhado na penumbra e na meditação, nota-se que a sua presença é indispensavel ao mundo.

Sem Paris, sem o seu espirito, a sua graça, o seu amor das novidades e as novidades da sua invenção, todos nós nos sentimos desapoiados e desarrumados. Deve-se ter dado o mesmo na antiguidade, com a queda de Atenas e outras cidades de renome.

No dia em que Paris voltar a ser o que foi, é caso para que quantos amam as artes que embelezam e ennobrecem a existencia exclamem:

—Enfim, eis uma luz para todos os olhos!

DA CORAGEM

A melhor manifestação da coragem seria a sinceridade. O homem que se mostrasse absolutamente sincero só tinha um adversario—Todo o Mundo.

■

A valentia está para a coragem como o aço para o fogo que o tempéra.

■

Ha a coragem dos bravos, dos herois e dos martires, mas não nos esqueçamos de que os humildes tambem podem fazer da sua fraquesa um muro insuperavel.

■

O teatro explorou, em todas as epocas, o tipo do soldado fanfarrão. Quantas cutiladas em adversarios imaginarios! Raptos na noite negra. Feiras varridas com denôdo. Rondas da noite desfeitas em pedaços—num segundo. O soldado fanfarrão não conhece mêdo, a não ser quando lhe falta um auditorio estupido, boquiaberto.

■

Dominar um auditorio que ulula raivoso, bramindo contra o orador que o provoca, é um triunfo muito parecido com o do toureiro que abate a fera e a vê estendida a seus pés.

■

Quando a coragem é espontanea, como um dom da natureza, arde tão facilmente que é necessario isolá-la como se faz aos paiois.

■

A retorica tambem tem as suas horas febris, colericas e incendiarias, mas esgota-se no vacuo.

■

As pessoas timidas, a-pesar-de pouco propensas a acções de grande vulto, acabam, de vez em quando, com o seu temor, á maneira das aguas que rompem o dique que as continha.

■

Desconfiêmos do valentão que descreve as façanhas de que se diz autor. Uma cousa é a praça e outra a trincheira.

■

Os movimentos e gestos da coragem não se avaliam por calculo, visto que escapam a qualquer medida.

■

Quantas vezes a verdade que se afirma e a honra que se bate com destemor servem uma causa em que ninguem acredita!

■

E' indispensavel ter ao menos um semblante de coragem para sustentar a covardia com algum brilho.

■

A coragem que se exige para cometer um crime faz parte integrante do roubo que se cometeu ou da infamia que se praticou.

■

O soldado decidido que olha para o seu general, com cega confiança, oferece-lhe a vitoria para ele a ganhar.

■

Os casos mais perigosos para um capitão aparecem, depois dos seus primeiros exitos. Vencer no campo de batalha não livra de cadeias nem de oprobrios.

■

Josefina poderia dizer de Bonaparte:
—Ruge como leão, mas sujeita-se como cordeiro.

■

A coragem serena, reflectida e senhora de si é a expressão mais bela da força humana, como o raio o lume vivo da descarga electrica.

■

A coragem e a cautela caminham a par, até que a primeira venha a desconfiar da prudencia da segunda.

■

O ouro tem as suas dedicações. O vicio tambem. As quimeras inquietam os corações ardentes. A verdadeira coragem, porém, é de mãos puras, visto que se sacrifica sempre antes de medir o valor e o merito das suas feridas ou suplicios.

A atitude americana

O valor das compras

de material belico nos Estados Unidos

LONDRES, 25—Chegou ontem a esta cidade o chefe da Comissão de Compras nos Estados Unidos da America do Norte por parte dos aliados, Purvis, que apresentará ás autoridades respectivas relatorios completos dos seus trabalhos. O chefe da comissão de Compras depende mais directamente dos Ministerio dos Abastecimentos mas terá tambem de prestar as suas informações aos serviços a que as suas actividades interessam dos Ministerios das Finanças, da Aviação e da Produção.

Todos estes serviços já fizeram para os Estados Undios a remessa de quantias na importancia de 500 milhões de libras, em troca das quais já se receberam ou está em via de receber-se 11.000 aviões militares, 6.000 motores para aeronautica «Rolls-Merlin», 4.000 carros de combate e 1 milhão de carabinas. Além destes elementos virão tambem da America por intermedio da Comissão de Compras ou têm já sido recebido até aqui outros tipos de motores para aviões, grandes quantidades de munições de guerra, peças de artilharia e metralhadoras pesadas, metralhadoras ligeiras, torpedos, altos explosivos, bombas para serviço da aviação e minas submarinas.

E' oportuno recordar neste momento que o chefe da Comissão de Compras nos Estados Unidos da America do Norte começou a sua vida de negocios como modesto empregado de escritorio. Actualmente, tem 51 anos de idade e quando tinha apenas 24 era já o representante exclusivo em Nova York dos explosivos «Nobel».—(E. T.).

A opinião da Imprensa norte-americana

NOVA YORK, 25.—A Imprensa mais influente nos Estados Unidos traduz a opinião de que a Republica norte-americana deve prestar auxilio, tanto financeiro como material, á Grã-Bretanha, de acôrdo com a maneira franca como falou lord Lothian, no momento do seu regresso da viagem, que acaba de fazer á Grã-Bretanha.

O «New York Times» diz: «O problema dos creditos á Grã-Bretanha deve ser resolvido não sob principios de caracter afectivo, mas segundo o ponto de vista do nosso proprio interesse nacional e da nossa propria segurança. A nossa orientação tem sido pouco natural e em desacordo com a politica geral de auxilio á Grã-Bretanha. O facto do Governo norte-americano seguir de maneira tão aberta uma politica de auxilio á Grã-Bretanha ao mesmo tempo que mantem em vigor a lei Johnson parecerá estravagante a muitas pessoas e uma manifestação de vontade de realizar o impossivel.

O «Herald Tribune» manifesta a sua opinião nos seguintes termos: «A orientação de prestar todo auxilio não consiste numa politica apenas de oferecer á Grã-Bretanha o auxilio que ela peça ou emprestar dinheiro para pagamentos. A orientação a seguir deve ser uma politica da parte dos Estados Unidos de prestar todo o auxilio que seja possivel á nação, porque é de interesse vital para este país que a Inglaterra sobreviva. Isto significa que o auxilio deve ser constituido não só por navios e aviões, não só por emprestimos mas tambem por subsidios». — (Exchange Telegraph).